

de março de 2016, em 1ª convocação, e às 16h do mesmo dia, em 2ª convocação, a ser realizada na sede da FECOMÉRCIO-PA, localizado na Av. Assis Vasconcelos, 359, 10º Andar, Bairro Campina, Belém-PA, para tratar acerca da seguinte pauta: 1) Deliberar sobre a aprovação de contas da diretoria no período de janeiro a dezembro de 2015; 2) discussão e votação do orçamento. Ficam os membros do Conselho de Representantes cientes de que as contas da Diretoria, do exercício 2015, bem como a proposta orçamentária para o ano de 2017, encontram-se desde já na Superintendência da FECOMÉRCIO-PA para a consulta e exame dos Conselheiros da Entidade, bem como estarão à disposição no dia da Reunião Ordinária.

Belém - Pará, 18 de março de 2016.

**FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO  
DO ESTADO DO PARÁ - FECOMÉRCIO/PA**  
**Sebastião de Oliveira Campos**  
Presidente

**Protocolo 940407**

#### REQUERIMENTO DE LICENÇA DE OPERAÇÃO

A empresa **FRINASA DERIVADOS LTDA-EPP**, inscrita no CNPJ nº **16.417.285/0001-09**, localizada na Rodovia BR 230, Km. 47, Município de São Domingos do Araguaia - PA. Torna público que protocolou requerimento o junto à Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade - SEMAS/PA, para renovação da sua Licença de Operação, na atividade: Beneficiamento e moagem de produtos alimentares.

**Protocolo 940424**

#### DESPACHO Nº 72, DE 19 DE OUTUBRO DE 2015

O **PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI**, no uso das atribuições conferidas pela PORTARIA Nº 1.018/PR/Casa Civil, de 16 de junho de 2015, e em conformidade com o § 7º do art. 2º do Decreto 1775/96, tendo em vista o Processo FUNAI/BSB nº 086020.005272/2013-33, a Ação Civil Pública n.º 4299-32.2013.4.01.3902 e considerando o Resumo do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação de autoria do antropólogo Ruben Caixeta de Queiroz, que acolhe, face às razões e justificativas apresentadas, decide: Aprovar as conclusões objeto do citado resumo, para reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana, de ocupação tradicional dos povos indígenas Kaxuyana, Tunayana, Kahyana, Katuena, Mawayana, Tikiyana, Xereu-Hixkaryana, Xereu-Katuena e Isolados, localizada nos municípios Nhamundá (AM), Oriximiná (PA) e Faro (PA), Estados dos Amazonas e Pará, consubstanciadas no resumo do citado Relatório Circunstanciado.

**JOÃO PEDRO GONÇALVES DA COSTA**

#### RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA KAXUYANA-TUNAYANA

Referência: Processo FUNAI n.º: 086020.092215/2012-03. Denominação: Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana. Superfície aproximada: 2.184.120 ha. Perímetro aproximado: 1.471 km. Localização: municípios de Nhamundá (AM), Oriximiná (PA) e Faro (PA). Estados: Amazonas e Pará. Povos Indígenas: Kaxuyana, Tunayana, Kahyana, Katuena, Mawayana, Tikiyana, Xereu-Hixkaryana, Xereu-Katuena e Isolados. População: 575 pessoas (Agosto de 2010). Grupo Técnico constituído por meio da PORTARIA Nº. 875, de 31 de julho de 2008, e complementado com a Portaria nº. 418, de 26 de março de 2010, coordenado pelo antropólogo Ruben Caixeta de Queiroz.

#### I - DADOS GERAIS:

A Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana é habitada tradicionalmente pelos povos indígenas Kaxuyana, Tunayana, Kahyana, Katuena, Mawayana, Tikiyana, Xereu-Hixkaryana, Xereu-Katuena e Isolados. A população indígena contactada totalizava 575 pessoas, em agosto de 2010. Não há informações demográficas mais detalhadas sobre a população indígena isolada, mas, segundo dados colhidos pela Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema, há três diferentes grupos indígenas isolados dentro da TI Kaxuyana-Tunayana: o primeiro deles, situado nas cabeceiras do rio Pitinga, no interflúvio entre o baixo rio Mapuera e o médio rio Nhamundá; o segundo, nos afluentes da margem esquerda do alto rio Cachorro; o terceiro nas cabeceiras do rio Turuni (afluente da margem direita do médio rio Trombetas). Muito provavelmente,

tais grupos isolados são remanescentes daqueles grupos maiores que, na década de 1960, foram deslocados destas regiões por missionários evangélicos americanos para o sul da Guiana e o sul do Suriname, e por missionários católicos para o norte do Pará (Parque do Tumucumaque). Portanto, trata-se de índios isolados que pertencem ao complexo cultural Tarumã-Parukoto ou Warikyana e à família linguística Karib, da mesma forma que a maioria dos demais grupos contactados que habitam a TI Kaxuyana-Tunayana. Tais grupos ocupam historicamente uma vasta região compreendida pelas bacias dos rios Nhamundá, Jatapu e Trombetas. Particularmente, a bacia deste último rio - e seus principais afluentes, como os rios Erepecuru, Mapuera, Cachorro, Kaspakuro e Turuni - era intensamente ocupada pelos grupos dos complexos culturais Tarumã-Parukoto e Warikyana. Já em 1697 foi construída, com mão-de-obra indígena, uma fortaleza no local onde hoje situa-se a cidade de Óbidos. Segundo Protásio Friel, missionário católico e antropólogo, ali havia várias aldeias habitadas pelos índios Pauxis, dos quais a fortaleza tomou o nome. Em 1725, sob o comando de Frei Francisco de São Manços, ao que se saiba o primeiro português e não indígena a subir o alto rio Trombetas, foram realizadas três expedições com o objetivo de localizar e atrair indígenas para as missões-aldeias no baixo curso deste rio. Tais expedições foram minuciosamente descritas pelo Frei Francisco de São Manços no seu relatório: um documento no qual é nomeado e localizado um conjunto de cerca de 50 nações indígenas, tendo sido mencionadas muitas de suas aldeias e de seus chefes. Dentro de tais "nações", encontra-se o atual grupo indígena Kaxuyana, naquela época nomeado como "Caxorena", e indicado seu lugar tradicional de habitação no rio Cachorro ou Kaxúru - o mesmo lugar onde hoje estão situadas suas aldeias dentro da TI Kaxuyana-Tunayana. Até o final do século XVIII, por um lado, tais grupos indígenas mantinham um relativo isolamento nos principais afluentes do médio e alto rio Trombetas, já que eram poucos os colonizadores que subiam tal rio a partir de sua foz. Por outro lado, os holandeses vindos a partir da costa do Atlântico penetraram nas aldeias indígenas por meio da prática de comércio, que envolvia bens manufaturados em troca de mão-de-obra escrava. Porém, a partir do final do século XVIII e início do XIX, os indígenas habitantes da bacia do médio rio Trombetas passaram a receber pressão da população de escravos que fugia das fazendas localizadas no baixo rio, em busca de pontos para instalação de quilombos rio acima. Parte dos grupos indígenas se afastou ainda mais para as cabeceiras dos rios. Os grupos Tunayana e Katuena que ocupavam o interior do rio Turuni e o alto rio Trombetas lá ficariam, sem quase nenhum contato direto com os brancos até os anos de 1960. Já os grupos do complexo Kaxuyana-Kahyana (habitantes de cursos do médio rio Trombetas, tais como os rios Cachorro, Ambrósio, Kuhá, Kaspakuro, Yaskuri) sofreram duros abalos demográficos em função, sobretudo, das doenças trazidas pelos quilombolas (ou "mocambeiros", como foram descritos pelos viajantes e administradores). A partir da década de 1960, três frentes missionárias atuaram na região num processo de desterritorialização e deslocamento dos indígenas do seu lugar tradicional de habitação: uma delas, composta por uma frente missionária evangélica americana, deslocou parte da população indígena (sobretudo, grupos Tunayana, Katuena e Tikiyana) para o sul do Suriname e o sul da Guiana; a segunda delas, composta por uma frente católica franciscana, deslocou outra parte (sobretudo os grupos Kaxuyana e Kahyana) para o norte da Terra Indígena Parque do Tumucumaque (na fronteira do Brasil com o Suriname); e a terceira delas, composta pelos missionários do *Summer Institute of Linguistics*, deslocou outra parte de índios Kaxuyana para o rio Nhamundá. Nos dois primeiros tipos de deslocamentos, os índios Tunayana, Katuena e Kaxuyana foram viver numa terra estrangeira, habitada na maioria pelos Tiriyo, grupo com o qual tinham uma certa distância cultural e histórica. No terceiro tipo de deslocamento, os índios Kaxuyana foram viver na TI Nhamundá-Mapuera, habitada também por um povo com o qual tinham pouca relação cultural e histórica: os índios Hixkaryana. Porém, a terra tradicionalmente habitada no médio rio Trombetas (que corresponde à parte da Terra Indígena ora delimitada) nunca ficou totalmente desocupada, seja porque no seu interior sempre estiveram presentes os grupos isolados, seja porque sempre foi local de acampamentos para pesca, caça e coleta dos índios do rio Mapuera que visitavam e ainda visitam seus parentes no sul

do Suriname. Além disso, a terra ora delimitada voltou a ser reocupada de forma mais intensa a partir do final da década de 1990, com a fixação de moradias dos índios Kaxuyana, Tunayana, Kahyana e Katuena (que tinham sido deslocados nas duas décadas anteriores) em seus lugares tradicionais de habitação no rio Cachorro, rio Turuni e médio Rio Trombetas.

#### II - HABITAÇÃO PERMANENTE:

Os grupos indígenas que habitam a Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana utilizam áreas de moradia permanente, caça, pesca e coleta no médio rio Nhamundá e nos principais afluentes do médio rio Trombetas. Além dos grupos indígenas isolados, há um total de 17 aldeias. A habitação permanente destes indígenas, concentra-se nas seguintes porções: i) médio e alto rio Trombetas: aldeias Kaspakuro, Turuni e Ayaramá; ii) rio Cachorro: aldeias Chapéu e Santidade; iii) baixo rio Mapuera: aldeias Tawaná, Yawará, Mapium, Takará e Paraíso; iv) médio rio Nhamundá: aldeias Belontra, Cupiúba, Areia, Torre, Gavião, Matrinchá, Cafezal. Estas aldeias são, quase todas, compostas por indígenas de etnias diferentes: i) médio rio Trombetas: grupos Kahyana e Tikiyana; ii) rio Cachorro: grupo Kaxuyana; iii) médio e alto rio Trombetas: grupos Tunayana e Katuena; iv) baixo rio Mapuera: grupos Tikiyana, Katuena, Xereu-Katuena, Xereu-Hixkaryana e Mawayana; v) médio rio Nhamundá: grupos Kaxuyana, Kahyana e Xereu-Hixkaryana. Porém, o local onde se situa cada aldeia define, de certa maneira, o pertencimento de um indivíduo a um grupo étnico. Assim, por exemplo, os moradores do rio Cachorro são classificados como Kaxuyana, os do rio Turuni são classificados como Tunayana ou Katuena. Há uma intensa circulação de pessoas entre estas diversas aldeias, motivada seja pela rede de alianças matrimoniais, seja pela realização de festas e rituais. Desta forma, na Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana há uma unidade cultural articulada inextricavelmente a uma unidade territorial. De acordo com a tradição cultural, os grupos e as aldeias estão em processo constante de fusão ou composição e de fissão ou dissolução. Toda aldeia nova é fundada num local exato ou próximo ao qual, no passado, situava-se outra aldeia do grupo. Com isso, toda aldeia na Terra Indígena é um sítio arqueológico, já que ali podemos encontrar uma grande quantidade de vestígios da população ou grupo indígena habitante anterior: machado de pedra, painéis de barro, raladores de mandioca, trempes para fogueira etc. A extensão dos vestígios de ocupação indígena na área é fruto de um padrão tradicional de habitação: antes de abrir uma nova aldeia, os índios abrem uma roça, esperam os frutos e plantas amadurecerem (sobretudo a mandioca, a planta domesticada mais importante na alimentação daquela população), e só depois, do lado da roça, constroem suas casas. O tempo de permanência da população numa aldeia tradicional é relativamente muito curto: varia entre 04 e 12 anos. Os motivos para a mudança são vários, entre eles o estado de envelhecimento das casas, a infestação de insetos nas roças, a morte de algum membro importante da aldeia, a escassez da caça, da pesca e dos frutos coletados na floresta no entorno do local de moradia. Por sua vez, as roças duram um tempo menor, cerca de quatro anos. Contudo, logo após o seu abandono, ainda são visitadas para colheita de vários produtos, entre eles a banana, a cana de açúcar, o algodão, o urucum, as canas de flechas. Ou seja, as aldeias atuais guardam uma relação intrínseca com as aldeias antigas, seja porque estas últimas são sempre locais de habitação de parentes ascendentes da população atual, seja porque são locais onde hoje esta mesma população obtém recursos necessários à sua sobrevivência. Toda aldeia é composta de várias unidades residenciais, cada uma abrigando uma família nuclear e, às vezes, uma família extensa. As casas estão dispersas numa grande clareira, e há uma tendência a se situar de acordo com a regra de residência matrilocal, isto é, os genros se instalam do lado da casa do sogro e da sogra, às vezes, nos primeiros anos de casamento, moram junto com suas mulheres e filhos pequenos dentro da casa do sogro e da sogra. Na parte de trás da aldeia, em direção à área de floresta, situam-se as roças familiares. Na frente da aldeia, está o rio ou o igarapé principal, que é uma unidade de recurso crucial para a sobrevivência do grupo.

#### III - ATIVIDADES PRODUTIVAS:

Na sua longa ocupação da bacia do rio Trombetas, os grupos indígenas ali instalados desenvolveram uma complexa forma de relação com o meio ambiente, manejando seus recursos de forma a garantir os itens necessários à sua sustentabilidade. Os